

Jornalismo e deslocamentos forçados por desastres: *media interventions* como resposta à invisibilidade do tema¹

Erick Sales²
Camilly Camargo³
Victória Rossi⁴
Cilene Victor⁵

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Este trabalho é uma proposta metodológica para analisar a invisibilidade que migrantes submetidos ao processo de deslocamento forçado sofrem na cobertura de desastres naturais pela grande mídia. Por isso, recorreremos à metodologia da análise de conteúdo do jornal Folha de S.Paulo e do Tamoios News, portal de notícias do litoral norte, no período de 18 a 25 de fevereiro de 2023, para identificar a presença da pauta do deslocamento forçado em comparação com a de danos materiais na cobertura sobre os desastres que ocorreram na região, a fim de, com a observação participante, elaborar práticas jornalísticas que retratem essas pessoas, diferentemente da aplicada hoje.

Palavras-Chave: Deslocamento forçado; Migração ambiental; Justiça climática. Jornalismo; Media interventions.

INTRODUÇÃO

Seja por motivos bélicos, civis, políticos, sociais ou climáticos, a migração forçada, seja a interna ou a além das fronteiras, tem sido uma realidade corrente que já afeta a vida de milhões de pessoas em todo o mundo. No contexto brasileiro, os desastres, especialmente os associados a extremos climáticos e potencializados pela iniquidade social e suas faces,

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Jornalismo da UMESP, e-mail: ericksalesv@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UMESP, e-mail: millycamargo123@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UMESP, e-mail: victoriarossi123@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UMESP, e-mail: cilene.victor@metodista.br.

como o déficit habitacional e a falta de acesso à moradia digna, têm provocado um ciclo migratório constante de endereços cada vez mais precários.

Como tem sido observado nos últimos anos no Brasil, após um desastre, ou diante de sua iminência, moradores de territórios de vulnerabilidade socioambiental se veem obrigados a abandonar suas casas, suas comunidades e rotinas, precisando se deslocar para outras áreas de riscos. Nesses novos destinos, as pessoas deslocadas se veem diante de mais incertezas, as localidades para as quais migram falham em fornecer a estabilidade e segurança que motivam a movimentação dos migrantes, resultando em uma verdadeira diáspora pendular entre áreas de risco que, ignoradas pelo poder público e fora do radar do desenvolvimento urbano, seguem sem estruturas sólidas, reféns das intempéries climáticas. É com vistas a essa realidade aprisionante e circular na qual se configura a população de deslocados que esse artigo se debruça, utilizando da metodologia de análise de conteúdo para esquadrihar a cobertura midiática no que tange a associação da iniquidade social de moradia com a realidade dos migrantes forçados e a mudança climática, entendendo como a mídia hegemônica compreende e apresenta ao seu público as crises ambientais e sociopolíticas com resultado migratório. Também nos valem do conceito metodológico da observação participante, tornando-nos próximos do objeto de estudo a fim de identificar a cabal realidade dos fatos, entendendo as tensões psicológicas e funcionais que se originam dentro dos ambientes domésticos dos cidadãos que, expostos ao movimento forçado de deslocamento, sentem-se não pertencentes a lugar algum, reféns da instabilidade que a sua própria condição impõe enquanto lidam com a sucessiva falta de amparo público nas diversas regiões em que se faz habitante. Desse modo, a própria essência da observação participante requer, caso se pretenda executar a metodologia com o cuidado necessário, que o pesquisador possua proximidade real de seu objeto de estudo. Nesse caso, utilizaremos as notícias e coberturas multimidiáticas referentes aos desastres ocorridos no litoral norte paulista durante o mês de fevereiro, publicados no portal de abrangência nacional Folha de S.Paulo e no veículo regional Tamoios. Com essa análise, seremos capazes de compor um quadro que evidencie a precária representação das populações migrantes que, muitas vezes, se veem invisíveis na mídia quando comparadas ao seu próprio patrimônio. Nessa lógica, as casas, ruas e morros recebem especial atenção, relegando as pessoas que nelas viviam ao esquecimento - e, portanto, desassistência. Além disso, nos casos em que haja menção à situação dos

migrantes, há de se examinar a veracidade e o viés da peça jornalística, para averiguar se ela realmente reflete a situação real dessa população - averiguação essa que só se torna possível através da troca de experiências com os locais que vivenciaram os fatos. É levantando esses pontos que poderemos traçar uma estratégia para a elaboração de um produto midiático que preencha todas essas questões de maneira afirmativa, criando conteúdos que sejam tanto representativos quanto úteis. Utilizando essas metodologias como o ferramental, norteamos nossas análises baseados na Agenda de Desenvolvimento Sustentável para 2030, elaborada pela Organização das Nações Unidas (ONU), que define objetivos claros de desenvolvimento verde, e também por meio do Caderno Técnico de Gestão Integrada de Riscos e Desastres que, ao fornecer-nos dados contextualizados que se estendem desde números brutos às razões profundas dessas ocorrências, possibilitam um maior entendimento das causas matrizes dos desastres que originam, a movimentação de deslocamento forçado - e, dessa maneira, nos permitem ter uma visão panorâmica de nosso objeto de análise.

Por fim, esse trabalho objetiva apontar a invisibilidade a qual esses grupos são submetidos pela mídia jornalística, sendo tratados como uma simples cólera de um acontecimento maior e não como fator resultante de igual importância. Ademais, visamos a estruturação de um método para uma produção multimidiática que seja capaz de retratar de forma justa a realidade das populações forçadamente deslocadas e que, não obstante, some a si um papel profilático, com nuances de utilidade pública para que além de divulgar as experiências personalíssimas dos envolvidos, também possibilita conscientizar e prevenir novas ocorrências. Ou seja, ao veicular esse conteúdo, os publicantes devem estar cientes de que ali consta um material verdadeiramente fiel, elaborado não por um observador distante que conta com escassas entrevistas de especialistas que, apesar do vasto referencial teórico, não vivenciam a realidade do que estudam, mas por pesquisadores jornalistas em conjunto com a comunidade de uma região caracterizada por seu alto risco de moradia e que, portanto, concentra parte dos indivíduos como migrantes forçados. Além disso, esse material deverá ser útil, fornecendo mais do que apenas a coerência dos fatos, mas também um serviço que possua impacto significativo na vida desses moradores, como técnicas de identificação precoce de desastres ambientais, estratégias de rápida ação no caso de vir a enfrentar essas intempéries climáticas, caminhos para a obtenção de amparo do estado - dentro do que for oferecido para aquele público e, ao

mesmo tempo, servir como um chafariz da problemática, reavivando o debate e estimulando a discussão sobre implantações de políticas públicas que vão de encontro com essa questão que pode ser observada tanto nos aspectos internacionais, com a chegada de imigrantes de países em situações de instabilidade civil/social, quanto domésticas, com deslocamentos internos ocasionados por desastres naturais ou ações governamentais - podendo ocorrer o deslocamento de estado a estado até mesmo migrações de bairro, ainda na mesma comunidade, mas sob um outro ecossistema social.

REFERÊNCIAS

JOAN MARTÍNEZ ALIER. O Ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

CEMADEN EDUCAÇÃO — Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais. Cartografia social: espacializando os riscos socioambientais. Programa Cemaden Educação. Disponível em: <http://educacao.cemaden.gov.br/site/activity/NDAwMDAwMDAwMzk=>. Acesso em: 01 abril. 2023

REGINATO, Gisele. AS FINALIDADES DO JORNALISMO: o que dizem veículos, jornalistas e leitores. 2016. Tese (Doutorado em comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

JUNCKLAUS, Heloisa. Informação e Espetáculo: análise dos gêneros jornalísticos exibidos no programa Fantástico. Vozes e Diálogo, Itajaí, p. 7-13, 1 jan. 2012.